



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13684 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

O QUE A “ESCOLA DO CORPO” TEM A NOS DIZER? CURRÍCULO E IMPLICAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES NA EDUCAÇÃO DE CORPOS DE BAILARINOS/AS

Jeanne Félix da Silva - UFAL - Universidade Federal de Alagoas

José Rodolfo do Nascimento Pereira - UFPB - Universidade Federal da Paraíba

**O QUE A “ ESCOLA DO CORPO” TEM A NOS DIZER?**

**CURRÍCULO E IMPLICAÇÕES DE GÊNERO E**

**SEXUALIDADES NA EDUCAÇÃO DE CORPOS DE BAILARINOS/AS**

**Resumo:** Esta pesquisa objetivou analisar os modos pelos quais o currículo (re)produz, regula e (re)articula as aprendizagens sobre corpo, gênero e sexualidade em uma Escola de Dança de um cidade do Nordeste. Há algumas décadas, temas como corpo, gênero e sexualidade(s) têm ganhado espaço nas discussões acadêmicas, tornando-se objeto privilegiado de olhares de educadores/as, cientistas de diversos campos e religiosos/as. Esta pesquisa se inscreve na interface dos campos dos Estudos Culturais da Educação, dos estudos de Gênero e Sexualidades em uma perspectiva pós-crítica. O material empírico foi produzido a partir de pesquisa documental, observação participante e entrevista semiestruturada e analisado na perspectiva da Análise Cultural. A escola pesquisada se apresentou como um lugar que utiliza de diversos mecanismos para disciplinar e educar os corpos de meninos e meninas que praticam balé. Os currículos com dança, adotados pelos/as professores/as da escola do corpo, se aproximam e desaproximam a todo tempo das regras exigidas pela técnica do balé, fazendo em alguns momentos com que eles/as sejam disciplinados segundo as normas dessa técnica e, em outros, se arrisquem transgredi-las. Alguns corpos se rendem aos processos educativos e, outros, teimam, escapam e resistem.

**Palavras-chave:** Corpo, Gênero, Sexualidade, Currículo e Escola de dança.

**AQUECENDO (...)**

Desde muito pequeno, era participativo em todos os lugares que costumava frequentar.

Fiz teatro em uma escola em que estudava e fui convidado a fazer um curso de teatro com profissionais renomados em um dos melhores teatros da cidade. Durante as aulas de teatro, percebi que na escola em que aconteciam as aulas, também funcionava uma Escola de Dança. Na verdade, era uma Escola de Dança e as aulas de teatro aconteciam lá. Ouvia o som do piano tocando, via as meninas passeando de *collant* pelo *foyer* do teatro. Ouvi uma voz forte e com um tom raivoso que ecoava para o lado de fora da sala que dizia: “barriga pra dentro, umbigo nas costas, fecha as costelas, abdômen preso!” Era aula de balé. Entre as várias meninas existia um único menino. A primeira coisa que me inquietou na sala foi o desequilíbrio entre o número de meninos e de meninas na prática do balé (embora, obviamente, naquele momento, não tivesse nenhuma noção do que seriam, teoricamente, as relações de gênero). Perguntei-me: por que existem tão poucos meninos nessa sala? Por um instante meus olhos brilharam, mas logo pensei: como dizem por aí, balé deve ser coisa de menina mesmo e meus pais jamais aceitariam!

Com o passar do tempo, a minha admiração pelo balé crescia e não demorou o convite para fazer aulas. Meus olhos brilharam e eu prontamente aceitei. Com a escassez de meninos nas turmas, acabava tendo uma rotina exaustiva na dança. Fazia quase dez horas de aulas em dois dias da semana e logo isso se ampliou para uma prática diária, pois fui convidado a ingressar no seleto grupo de dança da professora na qual fazia aula.

Segui no balé e o fato dessa atividade se evidenciar como uma prática feminina, para mim, parecia cada vez mais nítida. Para as meninas, havia ficado a leveza, a graça, a delicadeza, o artístico. Para nós, homens, a força. Um dos meus incômodos era esse, a diferenciação de papéis – os meninos precisavam seguir um padrão de homem viril, com estereótipo de machão, com muito vigor e força, enquanto para as meninas existia um lado mais maleável e sensível. Outra implicação com o balé era a percepção de formas diferenciadas de ensinar meninas e meninos, movimentos próprios para as meninas e outros que só os meninos faziam.

Em nossa dissertação, entendemos os desdobramentos do conceito de gênero como ferramenta teórica, política e pedagógica, conforme sinalizado por Meyer (2004), compreendemos que gênero “vai nos constituindo como homens e mulheres, num processo que não é linear, progressivo ou harmônico e que também nunca está finalizado ou completo” (LOURO, 2014, p. 16). Ou seja, existem formas plurais de ser homem e de ser mulher que não se limitam à forma hegemônica e que os modos como vamos nos constituindo como sujeitos de gênero são aprendidas e ensinadas.

Compreendemos a sexualidade como uma construção social que é “tecida nas redes de todos os pertencimentos sociais que abraçamos” (WEEKS, 1995, p. 88), que é plural e, portanto, que existem inúmeras formas de se vivê-la (GOELLNER, 2013). O corpo é entendido em uma perspectiva que vai além do conjunto de músculos, ossos e articulações que compõem um corpo humano. O corpo seria, pois, uma ferramenta de projeção de sentidos, significados e valores (LE BRETON, 2006). Compreendemos currículo aqui, como

uma arena de luta e disputa em torno de significações (SILVA, 2006) e por isso, um terreno de muitos tensionamentos.

Desse modo, o **objetivo geral** da pesquisa se configurou em analisar os modos como o currículo produz, regula e (re)articula as aprendizagens sobre corpo, gênero e sexualidade em uma Escola de Dança de uma cidade do Nordeste. E como **objetivos específicos**, elencamos: a) conhecer como se dão os processos de generificação do currículo do curso de balé ofertado em uma Escola de Dança de uma cidade do Nordeste; b) identificar as estratégias (re)produzidas pelo currículo e pela escola para educar corpos de meninos e meninas; c) analisar as questões de gênero e sexualidade que atravessam o currículo e o material didático de uma Escola de Dança de uma cidade do Nordeste.

Estudar temas como corpo, gênero e sexualidade(s) implicados no currículo do curso de balé de uma Escola de Dança é tensionar lugares culturalmente fixos e demarcados por binarismos, tais como homem-mulher, masculino-feminino. Do lugar de um homem *gay*, bailarino, pedagogo e de uma mulher-feminista, vinculado/a aos campos dos estudos de gênero e sexualidade entendemos a importância de escrever com a intenção de borrar as fronteiras entre a cultura do que foi pré-definido socialmente e colaborar com o alargamento de possibilidades de liberdade de as pessoas exercerem seus gêneros e sua[s] sexualidade[s], ocupando os espaços que assim bem desejarem, pois, acredito que juntos/as somos e seremos quem quisermos.

## **PASSOS METODOLÓGICOS**

A pesquisa desenvolvida inscreveu-se na interface dos campos dos Estudos Culturais da Educação, dos estudos de Gênero e de Sexualidades em uma perspectiva pós-crítica. O material empírico foi produzido a partir de pesquisa documental, observação participante e entrevista semiestruturada e analisado na perspectiva da Análise Cultural.

O lócus da pesquisa foi uma Escola de Dança de um Theatro que fica localizado em uma cidade do Nordeste. Como sujeitos da pesquisa, elencamos a diretora da Escola de Dança, a coordenadora pedagógica da escola e também escolhemos estudar com os professores/as por compreender que o currículo da escola ganha movimento (prático) em suas salas de aulas através deles/as. Para a produção do material empírico, nos utilizamos da observação participante (FLICK, 2013), que aconteceu dois dias por semana durante três meses e a posteriori, realizei entrevistas semiestruturadas (OLSEN, 2015) com os sujeitos da pesquisa elencados/as acima.

Partindo do conceito de cultura, compreendemos a partir de Costa, Silveira e Sommer (2003) que uma análise cultural tem um de seus objetivos centrados em analisar “o conjunto da produção cultural de uma sociedade – seus diferentes textos e suas práticas – para entender os padrões de comportamento e a constelação de ideias compartilhadas por homens e

mulheres que nela vivem” (COSTA; SILVEIRA & SOMMER, 2003, p. 3).

Com base nisso e sabendo que os Estudos Culturais são um campo de investigação de caráter interdisciplinar que explora as formas de (re)produção ou/e criação de significados e de sua difusão na sociedade atual, a partir do conceito de cultura trazido pelo campo dos ECE, a análise cultural consistiu em um meio de “examinar práticas culturais do ponto de vista de seu envolvimento com e no interior de relações de poder” (WORTMANN, 2007, p. 75). Sendo assim, analisou as relações de poder exercida sobre os corpos, gêneros e sexualidades de sujeitos que praticam o balé e estão implicados/as nesse processo.

### **É HORA DE ENTRAR NO PALCO (...)**

A partir da infinidade de materiais produzidos na pesquisa e da impossibilidade de apresentá-los em sua íntegra, elencaremos alguns pontos, que para nós foram os ‘achados’ mais relevantes da pesquisa, quais sejam:

a) No diálogo sobre o uso de maquiagem, a identidade de uma mulher e, nesse caso, de uma mulher que faz balé ou é bailarina, precisa ser legitimada pelo exercício prático de coisas básicas que ‘toda mulher’ deve(ria) saber. O problema não se configura em atender aos padrões esperados de uma mulher, a questão é tensionada na medida em que esse padrão de mulher é borrado. Segundo Louro (2016), “as identidades sexuais e de gênero (como as identidades sociais) têm o caráter fragmentado, instável, histórico e plural, afirmado pelos teóricos e teóricas culturais (LOURO, 2016, p. 12).

b) No balé “há uma articulação discursiva que de certa forma, configura uma rede de limites e possibilidade dos sujeitos, especialmente com relação as práticas corporais, constituindo ‘destinos’ diferenciados para os corpos de homens e mulheres” (DORNELLES, 2007, p. 29). A prática do balé trata de informar o lugar das meninas, assim como o lugar dos meninos dizendo-os/as como eles/as devem ser, o que podem fazer e quando podem fazer.

c) A identidade masculina precisa ser demarcada por atributos que se refiram a coerência entre sexo-gênero-sexualidade. Ou seja, os meninos precisam ter uma orientação sexual que se identifique com a heteronormia e, com ela, traços e trejeitos que assumam isso o tempo todo. Assim, na escola, pedagogias de gênero e de sexualidade são inscritas nos corpos de meninos e meninas dizendo quais os lugares que eles/as precisam ocupar.

d) Existem técnicas corporais (MAUSS, 2017) em um currículo com dança. O corpo precisa se tornar eficaz (MAUSS, 2017), pois, assim por vezes eles são classificados. Os corpos que mais internalizam as normas, são mais utilizados para espetáculos e como modelo de execução do movimento perfeito. Para isso, é preciso utilizar mecanismos diários de repetição para que os corpos se tornem inteligíveis (BUTLER, 2003).

e) É preciso neutralizar – se é que é possível – a sexualidade pessoal e encarnar o personagem.

Em vista disso, busca-se “exigir que eles/as entrem nos eixos e tenham um comportamento adequado” (SEFFNER, 2013, p. 149). Assim, as atenções se voltam para “os processos culturais e pedagógicos de produção, manutenção e modificação das masculinidades com ênfase para as relações entre masculinidade, corpo e sexualidade.” (SEFFNER, 2013, p. 147). É preciso investir no corpo para que ele de fato esteja pronto para encarar um personagem que se afasta de sua própria identidade sexual.

### **AS CORTINAS ESTÃO SE FECHANDO (...)**

Entender que o corpo resulta “de uma construção cultural sobre as quais são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais e étnicos” (GOELLNER, 2013) é pensar que os corpos são construídos por meio da cultura sem com isso, negar a existência de uma materialidade. Pensar no balé como um investimento que recai sobre o corpo por meio das relações de poder que eram exercidas sobre ele todo o tempo foi uma forma de olhar para o balé de outros modos. Os corpos são esquadrihados pelas relações de saber-poder.

A escola pesquisada se apresentou como um lugar que utiliza de diversos mecanismos para disciplinar e educar os corpos de meninos e meninas que praticam balé. Os currículos com dança, adotados pelos/as professores/as da escola do corpo, se aproximam e desaproximam a todo tempo das regras exigidas pela técnica do balé, fazendo em alguns momentos com que eles/as sejam disciplinados segundo as normas dessa técnica e, em outros, se arrisquem transgredi-las. Alguns corpos se rendem aos processos educativos e, outros, teimam, escapam e resistem.

### **REFERÊNCIAS**

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

COSTA, M. V.; SILVEIRA, R. H.; SOMMER, L. H. **Estudos culturais, educação e pedagogia**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a03>> Acesso em: 15 maio 2016.

DORNELLES, Priscila Gomes. **Distintos destinos? A separação entre meninos e meninas na educação física escolar na perspectiva de gênero**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, p. 158, 2007.

FLICK, Uwe. **Introdução à Metodologia de Pesquisa: Um Guia Para Iniciantes**. Tradução: Magda Lopes. Porto Alegre: Penso, 2013.

GOELLNER, Silvana. A produção cultural do corpo. *In*: LOURO, Guacira Lopes Louro. *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 30-42.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós estruturalista. 7ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. *In*: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado*: pedagogias da sexualidade. 3ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. p. 7-34.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. Tradução Paulo Nevez. 1ª edição. São Paulo: Editora Ubu, 2017.

MEYER, D. E.; SOARES, R. F. R. Corpo, gênero e sexualidade nas práticas escolares: um início de reflexão. *In*: MEYER, D. E. (org.). *Corpo, gênero e sexualidade*. Porto Alegre: Mediação, 2004. p. 5-6.

OLSEN, Wendy. **Coleta de dados**: Debates e métodos fundamentais em pesquisa social. Tradução: Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2015.

SEFFNER, Fernando. **Sigam-me os bons**: apuros e aflições nos enfrentamentos ao regime da heteronormatividade no espaço escolar. Disponível em:  
<http://www.scielo.br/pdf/ep/v39n1/v39n1a10.pdf> Acesso em: 15/05/2019

SILVA, Tomaz Tadeu. **O currículo como fetiche**: a poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

WEEKS, Jeffrey. **Invented moralities**: sexual values in an age of uncertainty. Nova York: Columbia University Press, 1995.

WORTMANN, Maria Lúcia. Análises Culturais. *In*: COSTA, Marisa Vorraber (org.). *Caminhos Investigativos II*: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 71-90.